MÍDIA, REPRESENTAÇÃO SOCIAL E TERRITÓRIO: ESTUDO DE CASO EM JUIZ DE FORA – MINAS GERAIS

Katia de Oliveira Ferreira[1]; Talison Paulo Ferreira[3]; Clarice Cassab[2]

Palavras-chave: Minha casa Minha Vida, representação social, Parque das Águas

Introdução

O trabalho tem como objetivo apresentar algumas considerações resultantes de pesquisa ainda em andamento e desenvolvida no Núcleo de Pesquisa Geografia Espaço e Ação. O que se pretende é compreender as relações que se estabelecem entre os residentes do Minha Casa Minha Vida (MCMV) e os moradores dos bairros próximos. A relevância está na compreensão de que se é certo que o programa habitacional Minha Casa Minha Vida trouxe benefícios para alguns setores da população que tinha a casa como demanda real e imediata, também, é preciso compreender a questão da moradia como indo além da casa. O que significa a necessidade de refletir sobre os efeitos do MCMV sobre a vida de seus moradores, sobre os bairros do entorno e sobre a própria cidade. Nesse sentido, o trabalho pretenderá apresentar alguns desses efeitos dando ênfase às relações que se estabelecem entre os residentes de um empreendimento e os moradores de seu entorno. O objeto empírico é o loteamento Parque das Águas. Inaugurado em 2012, na primeira fase do MCMV na cidade, localizado na zona norte de Juiz de Fora – zona da mata mineira – sendo até o momento o maior loteamento do MCMV, com 565 unidades.

O impacto desse loteamento foi maior nos bairros do seu entorno principalmente no Monte Castelo, onde ocorreram tensionamentos entre os moradores de ambos os bairros devido uma pressão maior da utilização dos equipamentos públicos localizados no bairro Monte Castelo, principalmente pela escola Estadual Olavo Costa. Essa escola atendia os residentes no Monte Castelo, sendo considerada, pelos seus moradores, uma boa escola. Todavia, após a entrada de alunos oriundos do Parque das Águas houve uma saída massiva dos moradores do bairro. Saída que foi acompanhada da construção de um novo imaginário sobre a escola que passou a ser vista como sendo a “escola dos bandidinhos”.

1 Licenciada em Geografia, Universidade Federal de Juiz de Fora/katiaferreira2312@gmail.com

2 Doutora em Geografia, Universidade Federal de Juiz de Fora /professora, clarice.torres@ufjf.edu.br

3 Graduando do bacharelado de Geografia, Universidade Federal de Juiz de Fora, talisoncrf@gmail.com

O que se espera do seguinte trabalho é apreender como um imaginário de insegurança e violência se instaurou nas pessoas residentes do bairro Parque das Águas, vista através dos moradores do Monte Castelo, que instituíram novas formas de sociabilidade pautadas na intolerância e no medo em relação aos moradores do Parque das Águas. E como essa nova sociabilidade pode provocar nova praticas espaciais centradas no isolamento e no afastamento em relação ao outro, que é visto como ameaçador.

Objetivos

O trabalho tem como objetivo entender os tensionamentos entre os moradores do Monte Castelo e Parque das Águas e qual o papel da mídia na representação social dos moradores do novo bairro. Estabelecendo uma correlação possível entre o tipo e o número de ocorrências nos meios de comunicação e a representação dos moradores do Monte Castelo tem em relação ao Parque das Águas. A partir disso, entender como esse medo vai tecendo práticas que estabelecem uma sociabilidade centrada no isolamento em relação ao outro e a determinados territórios da cidade.

Quadro Teórico

A questão de representação social vista pelos habitantes do bairro Monte Castelo em relação aos moradores do Parque das Águas fora construída através da representação geral dos moradores da periferia das cidades brasileiras. O morador da periferia como um sujeito violento, bárbaro e pobre. Os residentes desse loteamento, que recebeu famílias na faixa de 0 a 3 salários mínimos, são oriundos de bairros das periferias de Juiz de Fora, o que já demonstrou um descontentamento dos moradores mais antigos da região para com esses residentes.

Para Moscovici (2003:33), diariamente estamos envoltos por ideias, palavras e imagens que "penetram nossos olhos, nossos ouvidos e nossas mentes" e que vão engendrando as representações de determinado objeto social. Ainda, segundo o autor, essas representações sociais são como códigos do senso comum, tecidos a partir do cotidiano e que participam na construção de certas concepções e visões de mundo que os diferentes sujeitos possuem sobre a realidade. Seriam sistemas de interpretações que regem os sujeitos com o mundo e com os outros, sendo definidas como "um conjunto de conceitos, frases e explicações originadas na vida diária durante o curso das comunicações interpessoais" (Moscovici, 1978:75). Os sujeitos são caracterizados através de um estereotipo, no caso dos moradores do loteamento são assinalados como violentos, e esse predicado irá dizer à identidade que esse sujeito terá em relação aos outros moradores. O espaço em que esse

indivíduo mora será parte de sua identidade e essa identificação fará parte de sua interação com os moradores dos bairros mais antigos e que, para Mazzotti (2008:21), cria "universos consensuais", nos quais novas representações são produzidas e comunicadas, transfigurando-se de simples opiniões para "verdadeiras teorias do senso comum, construções esquemáticas que visam dar conta da complexidade do objeto, facilitar a comunicação e orientar condutas".

Essas representações sociais são de um modo geral ideias socializadas, resultantes da vivencia entre eles, onde cada indivíduo enxerga o outro através da condição econômica e do lugar de onde a pessoa é oriunda. A origem do indivíduo é sem dúvida a mais emblemática, principalmente dos que tiveram origem da periferia das cidades. Nelas seus moradores são deslocados da cidade e marginalizados, tratando-os como violentos e criminosos. Portanto a representação social possui um forte componente espacial, os lugares da cidade, principalmente das periferias, ganham significados superficiais e prescritivos. Para Castro (1997:177),

> (...) todo imaginário social pode revelar-se imaginário geográfico. (...), o imaginário reporta-se a espaços, produz uma topografia que lhe é própria e reflete, embora transformado, as relações que o homem estabeleceu com o espaço, onde o passado trouxe suas inscrições, dando assim uma materialidade à memória coletiva (Castro, 1997:177)

Essa visão que a cidade dos moradores das periferias, cria um afastamento e isolamento da população da participação da vida política da cidade. Esse esvaziamento político se dá pelas representações sociais prescritivas, ou seja, uma representação imaginaria que vai se tornando cada vez mais real através do aumento do medo e da intolerância da sociedade em relação ao outro. Para Kuster e Pechman (2014) a cidade tem o poder de produzir relações, de obrigar à negociação e de acolher o conflito. A cidade é "para o homem comum, o Mundo, o mundo concreto, imediato" (SANTOS, 1996, p.82) que possibilitaria a convivência com diferentes pessoas, proporcionando a experiência positiva da política. Para Sennett (1988), a civilidade abre a possibilidade do diálogo sendo na cidade onde ela se materializa e ganha forma, pois é lá onde se dá o encontro dos estranhos e dos diferentes. Condição para a existência efetiva da política. Assim, conforme Barbosa (1999, p.133),

> A geografia pública da cidade começa a ser delineada quando o desejo de viver com o(s) outro(s) se torna uma prática comum e ganha o abrigo institucional necessário. Assim, a cidade se configura, por excelência, como um espaço de encontro entre diferentes e desconhecidos, contribuindo para que os seres humanos se tornem mais ricos de experiências no seio da vida societária.

Logo o espaço público perde a importância, devido à violência, o medo e a intolerância imposta em nossa sociedade, a pauta sobre segurança ganha mais importância que a questão da convivência. Nesse sentido a cidade perde o seu sentido coletivo e crescem as individualidades, das pessoas cada vez menos políticas, críticas e cada vez mais intolerantes com as diferenças dentro da cidade. Tais diferenças são direcionadas a quem tem pouco acesso a cidade e que são retratados como violentos e perigosos: em especial os moradores da periferia. Logo o sentido de cidade, da convivência da proximidade vai se perdendo na medida em que seus moradores negam a cidade por conta do medo e da insegurança. Para Sposito e Góes (2013), o futuro da cidade é cada vez mais condicionado por um presente ajustado na representação de uma insegurança urbana e pela desconfiança em relação ao outro. O medo da cidade vai se configurando como sendo especialmente o medo do outro.

A individualização faz com que se perda a identidade coletiva, e dá força a insegurança na cidade, pois o desconhecimento e a representação social prescritiva com o próximo faz com que o sujeito urbano sinta medo do próximo. Os indivíduos se fecham cada vez mais a grupos familiares ou em grupos com a mesma identidade social atendendo aos mesmo desejos privados e não públicos. Para Castel e Haroche (2001), trata-se do enfraquecimento da identidade coletiva, decorrendo na constituição de novas formas de individualidade e na descoletivização, que coloca em xeque o pertencimento coletivo dos indivíduos ao forjarem uma nova sociabilidade cada vez mais centrada na individualização.

Quadro Metodológico

Nessa primeira parte da pesquisa a metodologia utilizada foi uma identificação e analise do papel desempenhado pela imprensa local na construção da representação sobre o Parque das Águas e seus moradores. Nesse sentido, foram coletadas todas as matérias no Jornal Tribuna de Minas, principal periódico de Juiz de Fora, onde o objeto era o loteamento. Foram recolhidas notícias relacionadas ao Parque das Águas no período de 2012 (ano da inauguração) até 2015. Para tanto, foi lido todo o jornal sendo recolhidas matérias em distintas seções. Posteriormente à coleta de dados, realizou-se a tabulação das notícias sendo separadas em número de notícias por ano de pesquisa, eventos ocorridos no Parque das Águas e fora dele, categorização da matéria, (ocorrências de consumo de drogas, agressão, Tentativa de Homicídio, homicídio, Assalto, furto e ações da polícia) e ocorrências relativas à infraestrutura do loteamento das reportagens, mas que tiveram como sujeito um morador. Também com parte do processo de pesquisa no jornal foram qualificados os discursos dos sujeitos relatados na notícia, podendo ser leitores, delegados, policiais, moradores e repórteres.

Resultados Parciais

Os resultados obtidos através da coleta de dados no jornal Tribuna de Minas, foram relevantes para mostrar o destaque que o Parque das Águas tinha dentro do jornal. Ressaltando que a grande maioria das reportagens sobre o loteamento, 66 reportagens no total, estava localizada na seção sobre cidade, oscilando entre as páginas três e seis, relacionadas geralmente a crimes como assalto, furto, homicídios, tentativas de homicídios e relacionados a infraestrutura do projeto.

O número de ocorrência foi maior no ano de 2013, sendo 29 ocorrências. As matérias com ocorrências dentro do loteamento foram bem maiores que as de fora do empreendimento sendo 56 matérias. Quanto à categorização da matéria teve grande destaque as ocorrências de homicídio e tentativa de homicídio com 16 e 13 ocorrências respectivamente, em sua maioria os envolvidos eram jovens. Mas uma das principais questões era relativa a infraestrutura do empreendimento, a principal foi a qualidade do projeto, sendo essa citada em 15 matérias seguida da questão de equipamentos e serviços com 7 matérias.

Os discursos recolhidos no jornal, vieram principalmente de repórteres e de delegados responsáveis pela investigação de delitos no bairro. Em sua grande maioria os discursos sobre a questão da segurança e infraestrutura do loteamento foram os principais, partindo tanto de moradores e repórteres. Os policiais e delegados frisavam a questão dos moradores vindos de várias regiões periféricas da cidade o que teria colocado integrantes de grupos rivais no mesmo ambiente de convivência, acirrando os tensionamentos entre eles.

Considerações Finais

As matérias do jornal Tribuna de Minas trouxe para a análise dessa primeira parte da pesquisa, no sentido de como é representado o bairro Parque das Águas. No jornal vimos que os moradores do bairro estão relacionados principalmente a delitos, e que o lugar é retratado constantemente na seção de crimes dentro do periódico. Cabe destacar que os discursos sobre a situação do bairro são em sua grande maioria retratados por delegados e repórteres, os moradores poucas vezes são ouvidos ou tem voz dentro do jornal. Isso traz a questão de como o bairro é visto por esses dois tipos de profissionais. A frequência de delegados e policiais falando sobre o bairro no jornal faz com que a população em geral pense que no loteamento só ocorre delitos e que os moradores são de certa forma violentos. Portanto o que se indica inicialmente é como a constante repetição da imagem de violência que encarna os Parque das Águas e seus moradores acaba

contribuindo para a produção e difusão da imagem negativa do loteamento, reproduzindo velhos estereótipos que associam, sem maiores reflexões, violência e pobreza.

Referências bibliográficas

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2003. ARENDT, Hannah. **A promessa da política**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2008

BARBOSA, J. L. **O ordenamento territorial urbano na era da acumulação globalizada**. In. SANTOS, M. ET all (org). Território, territórios: ensaios sobre o ordenamento territorial**.** Rio de Janeiro: Lamparina, 1999.

CALDEIRA, T P R. **A política dos outros: o cotidiano dos moradores da periferia e o que pensam do poder e dos poderosos**. Brasiliense, São Paulo, 1984.

CASTEL, R e HAROCHE, C. **Propriété privée, propriété social, propriété de soi: entretienssur La construction de l'individumoderne**. Fauard, Paris, 2001.

CASTRO, I E de. **Imaginário Político e território: natureza, regionalismo e representação**. In CASTRO, I. E., Gomes, P. C. e CORREA, R. L. (eds). Explorações Geográficas. Ed. BertrandBrasil, São Paulo, 1997, pg. 155-196.

COIMBRA, C. **Operação Rio: o mito das classes perigosas. Um estudo sobre a violência urbana, a mídia impressa e os discursos de segurança pública**. Editora Oficina do Autor e Intertexto, Niterói, 2001.

HAESBAERT, R. **Identidades territoriais**. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. (Org.) Manifestações da cultura no espaço. Rio de Janeiro: Eduerj, 1999. p. 169-190.

_____. **Quem precisa da identidade?** In. SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

KUSTER, E. e PECHMAN, R. **O chamado da cidade: ensaios sobre a urbanidade**. Belo Horizonte: EditoraUFMG, 2014.

LEFEVBRE, H. **A Vida Cotidiana no Mundo Moderno**. São Paulo. Ática. 1991.

LINDON, A.; AGUILAR, M. A. e HIERNAUX, D. (Coords.). **Lugares e imaginários en La metrópolis**. Barcelona: Anthropos – UAM-I, 2006.

Marques, E e Torres, H (2005) **São Paulo: segregação, pobreza e desigualdades sociais**. Editora SENAC, São Paulo.

MORAES, D. **Notas sobre o imaginário social e hegemonia cultural**. Revista Contracampo, 1997.

MOSCOVICI, S. **A representação social da psicanálise**. Zahar, Rio de Janeiro, 1978.
MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Editora Vozes, Petrópolis, 2003.

PEDRAZZINI, Y. **A violência das cidades**. Vozes, Petrópolis, 2006.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo, HJUCITEC, 1996.

SENNETT, R. **O declínio do homem público**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. SPOSITO, M E B e GÓES, E M. **Espaços fechados e cidades: insegurança urbana e fragmentação socioespacial**. Editora Unesp, São Paulo, 2013.